



Nuno Costa Santos

# Uma Memória à Boleia do Vento

Setembro de 2021. Quarto 309, Hotel Horta. Escrevo da varanda com vista para o Canal (não há Pico). Lembro-me dos meus amigos na cidade. Um deles, o mais importante: Sérgio Paixão.

Salto, de súbito, para um apartamento no bairro lisboeta das Laranjeiras, Lisboa. Para o momento, finais de 2009, inícios de 2010, em que reuni material de investigação sobre a passagem de Jacques Brel pelos Açores – ouvi histórias, mandei livros da Amazon, pesquisei na internet. Fui, nessa demanda, ter a “O Canto do Brel”, blogue que ainda hoje flutua no oceano inter-nético. Debaixo do título, a explicação do que trata o sítio: “Brel passou por Portugal em 1974. 35 anos depois, a sua obra traduzida para português”.

Deixei um comentário num dos posts a explicar o que procurava e a pedir o endereço de email a Sérgio Paixão, pessoa que assinava os textos. Ao princípio a nossa correspondência foi um tanto ou quanto encabulada. As respostas dele às minhas perguntas eram lacónicas, resumiam-se a uma ou duas linhas.

Penso que o Sérgio começou por desconfiar do meu interesse.

– O que é que este puto quer saber do velho Jacques?

Só ganhei a confiança dele quando me apanhou, num zapping televisivo, a trajar a personagem melancómico, figura que andava num bairro lisboeta – um bairro feito de vários bairros, um bairro mental sobretudo – de sacos de plástico na mão a pensar no sentido da vida e nos trocos do baixo orçamento doméstico.

Lembro-me de mais tarde as referências ao melancómico surgirem em conversa, puxada por ele, e de perceber que havia empatia pela figura. Terá achado graça, julgo, ao registo. O que faz todo sentido num fanático breliano. Brel praticava, em modo maior, a sua ginca-na entre a tragédia e a comédia. Em temas como “Les Bonbons” e o seu personagem patético-poético.

Eu trouxe-lhe uns bombons porque as flores são tão perecíveis, quero dizer, os bombons também são bons, mas... As flores têm outra apresentação.

Sobretudo, quando elas estão em botão.... Mas, eu trouxe-lhe uns bombons...

A conversa entre nós foi crescendo – e alguma dela aconteceu, entre dois gins, a uma mesa do Peter. Deu pistas sobre a vida e a obra do cantor e sobre a passagem do autor pela ilha do Faial. Nunca fez perguntas.

Acompanhou o nosso esforço. Ajudou.

Viajei à Horta uma primeira vez e depois, uma segunda, com a equipa. Recebeu-nos. Visitou connosco os lugares.

Falávamos de Brel mas não só. Das nossas vidas também. Dos nossos trilhos, da sua mulher, Maria Lúcia (Serpa), do Gui, filho de ambos, que estava em alturas de seguir para o continente para prosseguir os estudos.

Uma vez, à porta do Peter, aos seus olhos atentos e vivos chegaram-lhe lágrimas quando disse:

– O Gui vai para Lisboa.

Aos poucos foi depositando em cima da mesa os pormenores da sua história. Nascido em ambiente operário no final da década de 40 na cidade de Lisboa, viveu os anos 50 em Belém. Recordava-se das brincadeiras atrás da Central Eléctrica (hoje Museu da Electricidade), das visitas no Verão à praia da Trafaria ou à praia de Algés, de o pai o levar a pescar.

– As pescarias não eram grandes mas aquele rio a passar e a margem do outro lado nunca mais me deixaram.

Era engenheiro e fora viver para o Faial por se ter apaixonado por uma faialense. Conciliava a sua vida profissional com uma vocação artística revelada, entre muitos outros gestos, num histórico colaborações com o grupo de cantares Maré Viva ou com o grupo de teatro Carrosel, do qual fora um dos fundadores, e em tantas outras aventuras.

Passados os anos de escola primária, foi estudar para a modelar escola Francisco Arruda, no Alto Santo Amaro, dirigida pelo professor Calvet Magalhães, que punha a criança sentada no chão a ver cinema aos sábados de manhã.

Adolescente nos anos 60, tinha como hábito ir ao cinema Promotora, no Largo do Calvário, assistir aos filmes de Cliff and the Shadows e tocar viola para fazer as suas covers de alguns hits da época.

No final dessa década teve início a sua história com Jacques Brel. Nunca mais lhe perdera o rasto, sim, durante um percurso em que, entre outras coisas, foi pintor de rua, andou pela Holanda e, instante decisivo, conheceu a mulher que o levou aos Açores. O artista, esse, transportou-o na bagagem, e surpreendido ficou por saber que havia passado pela ilha que agora habitava. A partir dessa altura, princípio dos anos 80, começou

a investigar e a celebrar.

Fez um programa para a rádio e a televisão. Traduziu as letras para português e todos os dias tinha uma novidade para postar – uma notícia, um espectáculo, um filme, um recital.

Contava:

– As primeira músicas que me ‘agarraram’ foram ‘Les Bourgeois’, ‘Au Suivant’, ‘Les Bonbons’. e o enorme ‘JEF’! Mas não é fácil dizer qual é a preferida. Porque há canções que me comovem como ‘Ne Me Quittes Pas’ ou ‘Ces gens là’, canções me fazem chorar como ‘Les Vieux’ ou ‘Mon Père Disait’, canções que me divertem sempre como ‘Le Caporal Casse Pompon’, ‘Les Bigottes’ ou ‘Les Timides’. Mas todas elas me deixam uma emoção incontida atravessada na garganta, uma vontade estranha de pôr mais alguém a ouvir ‘aquilo’ que é bom demais para se perder. Brel é tão diferente dos outros cantores que conheço: é um ser único, como artista, porque sem ele, as letras e as melodias seriam boas na mesma. Mas só ele consegue juntar as duas coisas. E fá-lo com a voz, com o coração, com os olhos, com os braços, com as mãos, com o corpo todo. Por aí é que tenho fé na ‘minha campanha’ para divulgar o seu nome. Na rádio, na televisão e agora na net.

Na estreia de “Brel nos Açores”, Sérgio estava sentado numa das filas do Teatro Micaelense. Discreto. Expectante.

Pela reacção ficou a ideia de que não estava à espera que nos centrássemos tanto no homem, na sua ética artística e pessoal, nas suas contradições, na sua complexidade.

Voltou a ver o espectáculo na Horta. Momento de algum nervo esse de representar a história no local onde ocorreu. O público celebrou sem reservas. E o actor Dinarte Branco fez questão de agradecer em palco ao Sérgio a ajuda. Foi um momento comovido, maior.

Há um tempo, a propósito de um texto publicado neste jornal, evoquei-o. Conteí que adoeceu com a mesma doença, o cancro, que matou o seu ídolo. Certo dia, já sabendo do avançar da doença, recebi uma chamada. O nome dele piscava no ecrã. Atendi e gritei, exultante: “Sérgio!”. Já tinha ido, contou-me a Lúcia.

Lembro-me agora dele, na sua Horta, com o ar atravessado por uma poeira vinda de longe. Como uma memória. Uma névoa seca, feita de partículas, que veio à boleia do vento.

## CDU quer usufruto público dos terrenos da Sinaga



“É tempo de defender a nossa memó-

ria e história, da qual a Sinaga faz parte. É tempo de exigir o direito público aos espaços que devem ser de todos, e não de interesses privados. É possível destinar os terrenos da Sinaga para usufruto das populações, nomeadamente para habitação acessível, um museu sobre a Sinaga, espaços de lazer e serviços essenciais à população”, defendeu o dirigente da CDU/Açores, Rui Teixeira. Nas instalações da unidade fabril, em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, o dirigente considerou ser “grave as intenções do Governo Regional de retirada das máquinas e equipamentos da fábrica, às escondidas da população e sem qualquer explicação”, bem como a “declaração de intenção de vender os terrenos para ‘rendimento’, ou seja, para aumentar os lucros privados com os bens públicos e à custa das contas públicas”. De acordo

com Rui Teixeira, as explicações dadas na Assembleia Legislativa Regional dos Açores “em nada descansam, pois tentam esconder os planos para os terrenos da Sinaga”, tendo estas “revelado apenas que o Governo e os deputados que o suportam mantêm ou agravam as políticas do PS de vender barato espaços de elevado valor, se necessário dividindo os terrenos, prejudicando mais uma vez o erário público e o desenvolvimento social da ilha, em particular da cidade de Ponta Delgada”.

A 28 de Setembro, no Parlamento regional, o secretário regional das Finanças comprometeu-se com um “misto de soluções” para os terrenos da empresa Sinaga, cuja extinção foi aprovada pela Assembleia Legislativa, referindo a “venda para rendimento” e “soluções para interesse público”. “Para a questão imobiliária, terá de haver

uma gestão prudente. Está em alteração, até Dezembro, o PDM [Plano Diretor Municipal] de Ponta Delgada. Haverá oportunidade de olhar para o terreno das Capelas, da rua de Lisboa ou da Lagoa. Há um misto de utilizações, de venda para rendimento e soluções para interesse público, que será ponderado na devida altura”, disse Joaquim Bastos e Silva, no plenário regional na cidade da Horta, ilha do Faial. A extinção da antiga açucareira, na qual o Governo Regional tinha uma participação de 51% desde 2010, e a integração dos seus 51 trabalhadores na administração pública regional foram aprovadas na Assembleia Regional com 21 votos a favor do PSD, três do CDS-PP, dois do PPM, um da IL, um do Chega e um do deputado independente Carlos Furtado, e com dois votos contra do BE e 25 abstenções do PS.